BRUNO BARBOSA
BENJAMIN LIMA

# A' CORDELIA

*(SONETOS)*

# Caprichos da Musa Moderna

*(PAGINA DE CRITICA)*



Typographia do «Cá e Lá»
R. Joaquim Sarmento n. 12
Manáos, Est. do Amazonas

BRUNO BARBOSA
BENJAMIN LIMA

# A' CORDELIA

*(SONETOS)*

# Caprichos da Musa Moderna

*(PAGINA DE CRITICA)*



Typographia do «Cá e Lá«
R. Joaquim Sarmento n. 12
Manáos, Est. do Amazonas

*Editando estas paginas delicadas, experimento o prazer de homenagear simultaneamente a um irmão, que eu quizera conhecido tanto pela feição moral quanto pela intellectual, e a um amigo, cuja capacidade o paiz, dolorosamente alheio á sua riqueza, quasi de todo desconhece.*

*Nenhum dos dois, é certo, póde ser medido atravez dos pequenos trabalhos que dou á estampa.*

*O poeta, para bem ser avaliado, para bem saborear-se a agua de sua Castalia, precisaria desvendado na inteireza inatacavel, na grandeza moral que dia a dia cresce e mais se avigora, num meio onde vicejam, de maneira absorvente, sentimentos oppostos aos seus, a ponto de ter que se condemnar á solidão, solidão fecunda que o inspira e que elle adopta com a energia dos heroes da creação ibseniana.*

*Do critico, no leve ensaio, que tanto me tocou, mal póde ser aferida a força da penetrante visão, cujo amplo e preciso poder observador dá a impressão de que inspecciona de uma eminencia dominadora, o que lhe imprime physionomia inconfundivel entre os que praticam entre nós a critica litteraria.*

*Nem um nem outro podem ser apreciados integralmente por via dos dois minusculos trabalhos, a que dou publicidade. Meu intuito, porém, é não perder a grata occasião, que me dá ensejo de reuni-los na mesma homenagem, no mesmo testemunho de admiração e affecto.*

*VIRGILIO BARBOSA.*

A' CORDELIA

(NO SEU 6.º ANNIVERSARIO)



# I

Delle somente em casa se fallava,
Para elle em casa tudo se fazia
E, apezar do mysterio que o guardava,
Elle era alguem de todos alegria.

— Elle ha de ter a cabelleira flava,
Vae-lhe bem esta cor — a mãe dizia;
A avó como que um pouco duvidava,
Mas tal certeza era tambem da tia.

Guardava o pae silencio cuidadoso
Para não ser vencido na querela,
Que sustentava intimamente ancioso;

Mas não se engana o coração que vela
Um sonho desejado e delicioso,
E o coração só lhe dizia: é ella...

## II

Um vagido vibrante, um crystalino
Som de clarim cobriu a voz dolente
Da mãe que desdobrava o seu destino
No destino do novo e fragil ente.

E eu ouvindo-o, de subito examino,
Entre a alegria que me faz fremente
E a ancia em que todo o espirito confino,
Que outro já sou, do que era differente.

Fez-se uma nevoa tenue no passado,
Da essencia de meu ser outro partilha
O mais puro, o mais limpido e sagrado.

Um novo sol no firmamento brilha:
Deixei de ser o que era, limitado
A viver no porvir da minha filha.

## III

Seu nome quiz um symbolo, a promessa,
A expressão de uma angelica ternura
Do filial amor, graça futura
Já em sonoras syllabas expressa.

E embora a todos da familia peça
E a todos ouça o voto com brandura,
Do doce nome a consonancia pura
Fora-me, ha muito, venturosa pressa.

E da filha que ao pae susteve, fosse
Victima embora da paterna sanha,
Escolhi, com desvelo, o nome doce,

O doce nome de honradez tamanha
Que ao mundo um grande e novo exemplo trouxe
E de jubilo encheu a Grã-Bretanha.

## IV

Hoje que a meta alcanças dessa idade
Em que tudo na creança é puro instincto
E em teu gentil espirito presinto
O albor da mais risonha suavidade;

Enche-me o peito, o coração me invade
O sentimento de que, embora extincto,
Hei de viver em ti, com num plintho
Em que erigi a minha mocidade.

E serás, filha, inexgottavel fonte
De ternura, collina em cujos flancos
Dormirei, astro que meu norte aponte;

E da vida nos ultimos arrancos,
Inclinarás sobre meu rosto a fronte,
Aureolando os meus cabellos brancos.

# Caprichos da Musa Moderna



A decadencia do immoralismo na arte, e não somente isto: também a delícia honesta da simplicidade. Eis quanto assignalam e resumbram aquelles sonetos de Bruno Barbosa, publicados, vae para duas semanas, em edição dominical desta folha.

A idéa de os divulgar neste meio, generalizando prodigamente, generosamente, a suavissima e branda emoção que me elles haviam produzido, suggeriu-m'a a enternecida surpresa de encontrar nelles, profundamente metamorphoseado, totalmente outro, o autor d'aquella *plaquette* que, por volta de 1905, enfeixava, com um tanto de arbitrariedade, poesias trabalhadas de accôrdo com os torturantes canones do parnasianismo, voluntariamente frias, túrgidas do orgulho ingenuo da serenidade, e poesias outras em que ardia, num desafôgo, a exaltação dionysiaca dum genuino, dum indisfarçavel filho espiritual de Anacreonte.

*Mocidade* é um livro curioso precisamente porque perpetuou a memoria da lucta que, nesse poeta, o espirito movera ao temperamento, pretendendo jugular este, dominar-lhe os impetos, reduzir-lhe a vibratilidade, para que a arte desejada pudesse arvorar, á guisa dum cilicio que fôsse um trophéo, aquella especie de ascetismo laico, preconizado como elemento precipuo para a conquista da perfeição absoluta no trabalhar do verso, pelos extremados discipulos de Heredia.

Tal qual tive opportunidade de o vêr, quando elle concluia o curso de direito, naquelle casarão sombrio, quasi em ruinas, onde França Carvalho installára sua escola, para os lados do Campo de Sant'Anna, isto é, sadio, plethorico, provavelmente sensual e arrebatado, Bruno revelava-se desde logo, á investigação da mais elementar psychologia, um inadaptavel á concepção da arte que trazia então fascinados os nossos poetas, prendendo-os nos conciliabulos de *chez* Garnier ou Briguiet, para a enthusiasmada apologia da impassibilidade olympica do cinzelador dos *Trophéos,* e para o elogio da obstinada despersonalização que Gustave Flaubert preceituava paradoxalmente, contrapondo-lhe a cada passo o proprio exemplo e contrariando-a, elle, artista de «vasta, fulgurante e sonora» per-

sonalidade, o mais *pessoal* talvez de todos os escriptores modernos. E eis ahi porque aquelle volume resultou completamente destituido da homogeneidade que seu autor com certeza lhe pretendera imprimir, e contém, ao lado de versos feitos com esmeros de ourivezaria, mas d'onde, alarmada pelo ruidoso fragor da officina, violada em sua pureza virginal, parece ter-se evadido a emoção, versos frementes e agitados, em que se affirma a revolta do homem contra o maneirismo, contra os artificios absurdos, com que o estheta inflexivel se obstinava em açaimal-o. Os marmores que Bruno trabalhou têm — como diria o deslumbrado admirador das *Lapidarias* — estremecimentos humanos.

Diminuido o despotismo da moda que outr'ora o impunha em toda a sua intransigencia, qual verdadeiro supplicio, o parnasianismo subsiste hoje e domina, mas unicamente como processo de execução, para o maximo alindamento da fórma, sem mais hostilizar o pendor para o subjectivismo, para a cultura intensiva do eu emocional, para a livre expansão d'aquillo que representa, na equação pessoal de cada artista, o veio precioso dos motivos, eternamente a escachoar, cantante e luminoso. Todos os

excessos da escola já se attenuaram, tanto que poude Martins Fontes, um dos mais fervorosos no impol-os e respeital-os, fazer o *Verão* — livro aberto a todas as influencias, e onde a reminiscencia de Banville, de Lecomte ou de Heredia, não é mais frequente nem viva que a de Verlaine. Pode-se, pois, dizer que *Mocidade* presagiou o início da éra literaria que a abolição dos preceitos rigidos havia de caracterizar, e isto por effeito da exuberancia de temperamento que, tornando esse poeta um indisciplinado, o fez, de certa maneira, um precursor.

Os sonetos de Bruno, que A IMPRENSA teve o delicado gosto de reproduzir, são o primeiro encontro que tenho com a sua musa, após a leitura d'aquelle livro. E a transformação operada no artista deu a esse encontro o sabor duma delicia cara, e a magia dum verdadeiro deslumbramento.

E' que, não obstante sabel-o, como o sei, desterrado numa nesga do Acre, infinitamente mais isolado do que nós, que já muito estamos, das influencias do pensamento europeu, sua arte repercute, com fidelidade, a tonica do momento esthetico e moral que a humanidade atravessa. Mais uma vez a delicadeza de sua sensibilidade tornou-o propheta, fazendo sua poetica eminentemente actual.

A formidavel crise que a Grande Guerra determinou, espraiou-se fragorosamente pelos dominios da moral e, assim, attingiu os proprios cimos da vida artistica, da producção esthetica.

O immoralismo systematico que outr'ora dominára a arte, e cuja influencia fôra extremamente salutar, porque, fazendo-a evadir-se das suggestões catholicas, curando-a da sarna jansenista, lhe permittira regenerar-se e retomar a evolução interrompida; o immoralismo fascinante, cujo magno pontifice fôra Baudelaire, já disfarçava mal o seu esgotamento, esforçando-se em vão, com o aspecto ridiculo dum Mephistopheles decadente, pelo rejuvenescimento das maldades convencionaes, das voluntarias perversidades, que sua faceirice macabra, havia cerca dum século, estribilhava.

O trauma da guerra, com a universal desolação consequente, accelerou essa ruina. O terrivel pánico, as apprehensões terriveis que a morte suggere, restituiram á virtude seu velho encanto quasi inteiramente esquecido, e recompuzeram-lhe o extincto prestigio. E a esthesia que esgotára a taça do mal — taça formosa mas sinistra, cujo conteúdo era todo lia — e torturada pela sua eterna sêde de originalidade, apenas se de-

tinha em seu impulso para o bem, pelo temôr de parecer ingenua e se fazer ridicula, viu-se livre para riscar, no radioso horisonte, o cobiçado vôo.

O anniversario de uma filhinha, com todas as alegrias purissimas que desperta o suave dia, já é susceptivel de se constituir num motivo de arte? Formidavel transformação da sensibilidade humana, que concretiza e resume toda a immensuravel grandeza moral da hora presente! Perde o mal, perde o vicio, perde o crime a supremacia outr'ora incontestada de incomparaveis mananciaes da inspiração. Já não é indispensavel correr aos prostibulos em busca da divina scentelha. Ha sementeiras de genio alhures. Apollo e Minerva hospedam-se, pacificos e burguezes, em casa de Penelope. Ithaca refloresce em Athenas.

Attenta a requintada pureza de sua emoção, filia-se a nova poesia de Bruno, remotamente, á de Francis Jammes e Louis le Cardonnel, por suas decididas tendencias para o mysticismo renascente, e, mais directamente, á de Charles de Pomairols, cuja poesia genial borbulhou imprevistamente, como sangue vivo, d'uma cruel ferida aberta em coração de pae; e trahe pela sua fórma um manifesto pendôr para aquella sim-

plicidade que hoje, em todo o universo, incinéra cuidadosamente os residuos do nephelibatismo, e procura restaurar a classica discreção da arte hellenica.

Arte singela e honesta: dupla novidade, senão dupla extravagancia. Gosemol-a ávidamente, emquanto não a arrebata o turbilhão das modas literarias, nem esmaece o delicado momento moral, com certeza desgraçadamente ephemero, que lhe tornou possivel a encantadora eclosão.

Impresso nas officinas do *Cá e Lá*, aos 30 de Maio de 1918